



SPORT - LITERATURA - CRÍTICA
: JORNAL DE NOVOS PARA NOVOS :

RAQUETE

Redacção e Administração:

Rua Infante D. Henrique — BARCELOS

ADMINISTRADOR:

ANTÓNIO EMÍLIO FERRÁS

Director: ALBERTO DE VASCONCELOS FARIA VISEU

Redactores: Eurico Soucaux, Alvaro da Conceição Pacheco Silva e José Afonso dos Santos

REDACTORES SPORTIVOS:

Em Lisboa: Américo Marinho. No Porto: Décio Nunes.

Composição e Impressão:

Tip. "Minerva" — Vila Nova de Famalicão

EDITOR:

MANUEL DA COSTA PORTELA

Amélia Rey Colaço

ENTRE a gente nova, Amélia Rey Colaço ocupa actualmente um lugar de destaque no teatro português. Nova no teatro — pois ainda não há cinco anos que fez o seu debute — para onde a levou uma irresistível vocação, revelou-se desde logo uma artista de valor, conseguindo em pouco tempo o que muitas não teem conseguido em dúzias de anos.

Artista de incontestável talento, não adormeceu sobre os primeiros louros colhidos, continuando sempre a estudar, numa ânsia febril de atingir o máximo da perfeição.

Se ocupa um lugar de destaque no teatro português, não foi com elogios mirabolantes, tresandando a iluminárias de adjectivismo, mas sim à custa do seu esforço próprio, impondo-se pelo talento ante o olhar atónito das gentes, que mais atónitas ficaram, vendo essa loirita adorável subir tam depressa os degraus do templo da arte.

Tôdas as personagens por si interpretadas, são minuciosamente, detalhadamente observadas.

Maleável, adapta-se a todos os papéis sem se repetir. Na sua arte não há ficções, não há artificios. Sômente há verdade, verdade humanamente real.

Chora e ri, mas num chôrro e num riso natural, sem mistificações.

Da sua passagem pelo teatro Sam João houve três personagens que não esquecerei: Domitia, a mística italiana da *Jerusalém*, Marianela, esse apai-

xonado farrapito. E a Maria Clara do *Entre Giestas*. Três temperamentos de mulher completamente diferentes, que Amélia Rey Colaço humanizou com tôda a grandeza da sua naturalidade.

Eu tenho por Amélia Rey Colaço a admiração que tenho por todos os no-



Amélia Rey Colaço

vos que teem talento. Sendo os velhos os d'ontem, os novos são os d'amanhã, são o futuro.

Não quero dizer que não tenha defeitos. Pequenos, é certo, mas tem. Defeitos muito logicamente naturais em artistas novos, os quais com o estudo vão desaparecendo.

No entanto, muito tem feito, conseguindo ocupar um lugar de destaque na scena portuguesa, conquistado pelo seu valor, caso que se vai tornando raro, «nesta bemdita terra de sol e môsa, de talentos e compadres», — como dizia o irreverente e rebelde Brás Burity.

ANTÓNIO BROCHADO.

À Rey Colaço

La femme ne se bêt pas
ni avec une fleur.

V. Hugo.

Concordo piamente no que diz,
Mas não quando se trate dum'a actriz.

A Essu, flores batam tanto, tanto,
Que lhe cubram o palco, canto a canto.

Esse génio da arte portuguesa
Que nos honrou pela primeira vez,
Que teus olhos nos mostrou
Que este é do povo o mais cortez!

Que lhe junquem de flores o caminho
Por onde Ela tenha que passar,
E assim tratando-a com carinho,
Certeza tenho que há-de voltar!...

Barcelos, 10-3-922.

ALBERTO VISEU.

Falta de assunto e falta de cabelo

O António Cardoso — um barcelense inteligente — chamou no último número deste quinzenário a atenção do respeitável público, ledôr, sobre a sua e a minha velhice, assim como que a des-casar-se no meio juvenil imperante cá na gazeta.

Ora como «o burro não se vende pelas grandes orelhas», o homem não se aquilata apenas pelos seus muitos ou poucos anos e sim pelos seus méritos; pelo seu valor moral e mental; mesmo pela sua resistência.

Comummente nós topamos com rapazes de espinha dorsal como arco de rabeção, olheirentos, bisonhos, sem expressão fisionómica que os distinga, sem vida: uns verdadeiros pasmões, que só prestam para fabricar daquelle adubo que o Joaquim Matos não tem

PAGINA LITERARIA

inscrito no rol das suas especialidades químicas.

A História está cheia de indivíduos que foram à longevidade com ar moço.

Entre nós vimos um exemplo, real e vivo, que foi o dr. Manuel Pais. Junto dele, os que poderíamos ser seus netos, recebíamos esfúvios primaveris do seu sugestivo convívio.

O abade António Pais, quasi a cair nos oitenta, desbancava, com o seu bom humor, a rapaziada cá da zona que se lhe deparava ao derredor.

Ainda há pouco, a passo firme e resolutivo, risonho, apumado, têsso como um virote, encontrei o honrado António Justiniano, regressando, a pé, de Roriz, onde também a butes tinha marchado, e no entanto por pouco êle vai ao centenário e de flor na lapela!

No Rio de Janeiro conheci de perto o octagenário Passos, o prefeito que remodelava, que transformava, sob a sua enérgica e pronta administração, a cidade do Pão do Açúcar.

Em Sam Paulo apreciei outro ancião, o dr. António Prado, que procedia do mesmo jeito, dando exemplo de trabalho de gosto, de método, nas modificações por que fez passar aquela cidade.

Os anos não são os que regulam para o são juizo da crítica, meu estimado António Prado!

Se o motivo que o determinou a capitular-se e capitular-me de velho foi a sua modesta falta de cabelo, aconselho-o a que recorra a umas carapuças cabeludas a que o vulgo chama chinó.

Também lhe posso fornecer uma receita para o fazer nascer, mas tem que aplicar o medicamento com a mão, e eu receio que lhe nasça o cabelo na palma, o que não é das coisas mais bonitas.

*

Em resumo, meu amigo: velho é só o individuo que não está no uso pleno de tôdas as suas faculdades...

A. SOUCASAU.

Pontos de vista

Dô Carnaval apenas registo, como notas de merecimento, as duas interessantes soirées que se realizaram nas noites de 26 e 28 na Assembleia Barcelense, que decorreram animadas e as três noites de Variedades no Gil Vicente, onde me dizem que os espectadores brincaram a bom brincar, não se tendo sequer poupado a farinha do trigo para empoeirar...

Nas ruas, se nem tudo despertou o maior desinteresse, deixou, contudo, impressões de profunda tristeza!

Mas deixemos o Carnaval sepultado

A' MINHA FREIRINHA...

Quem reza tem devoção,
Quem chora vive a rezar,
Quem sofre tem coração,
Quem padece vive a mar.

Quem quis-se beijar a mão,
Não m'a deixaste beijar.
Assim ficou desde então,
Minha alma sempre a penar.

Tu disseste-me que não,
E foi p'ra me castigar.
Que eu li essa confissão,
No teu lindo e meigo olhar.

Eu antes da profissão,
Já que vais a professor,
Queria, por gratidão,
Que m'a deixasses beijar.

Porque um beijo numa mão,
Nunca se deve negar,
Quando é só do coração,
Que a gente pede p'ro dar.

Pois os beijos que se dão,
A quem vai a professor,
São beijos de compaixão,
Beijos que fazem chorar.

Eu choro e peço perdão,
Se te fui desagradar,
Quando te pedi a mão,
Para m'a deixares beijar.

Barcelos, 24-2-922.

AFONSO GURRI

nas recordações boas ou más que êle deixou, e vamo-nos preparando para as festas de Maio — as nossas tradicionais e sempre atraentes festas das Cruzes — pois que, apesar da epoca apreensiva em que temos vivido, vontade deve haver de dias festivos.

E' já seguro, e aqui fica registado o facto com aplauso, que teremos festas das Cruzes, que devem ser estrondosas, a avaliar pelo entusiasmo e boa vontade que anima os comissionados.

E é o que, para não estar a tocar outros assuntos de pouca monta, o que aqui registo, não deixando, porém, de mencionar a passagem por esta vila da *troupe* Rey Colaço-Robles Monteiro, que ofereceu aos barcelenses duas réeitas esplêndidas, em que o talento da consagrada actriz ficou afirmado nas «Marianela» e «Entre Giestas».

Já antes Maria Matos e Mendonça de Carvalho, aqui tinham estado com a sua esplêndida companhia, tendo representado as peças denominadas «Inimiga», «Chuva de Filhos», «A Sombra» e «O Senhor Roubado», peças que agradaram sobremaneira.

Creio ter ficado desobrigado da promessa que fiz, de escrever meia dúzia de linhas para o presente número da *Raquete*, que no último número quasi foi toda dedicada ao sport.

A. SILVEIRA.

Sol-poente no Lima...

Á gentil A. L.

Pouco a pouco, uma a uma, nuvens espessas vão-se agrupando, encobrindo-lhe a face pálida e loira — brilhante perdido no Espaço! — como um *store*, côr de pérola, deixando-se coar vagamente pelos fios doirados de luz, que caracterizam o Lima — esta vasta bacia, por onde Ele deslisa alegre e brinca, beijando timidamente os ramos bucólicos dos salgueiros, que nas suas margens vegetam, debruçando e mirando-se nas águas transparentes, que partem, porque o Destino a isso as obriga! Preces de saudade... — com uma tênue penumbra crepuscular, cinzenta.

Como são belos os poentes — que tanto sensibilizam as almas líricas dos poetas! — no Lima. Neste Lima que é o nosso Símbolo panteísta! A nossa Vida, a nossa Quimera... Ele caracteriza-se, pinta-se, simultaneamente com uma infinidade de côres que lhe dá um realce peculiar — vermelho, parecendo que todo Ele é uma chama, um fogo! Alaranjado, azul, verde — acaso terá amores com as suas Ninfas, com as suas Sereias, para ter esperança?!

Quem sabe, se, quando Ele enverga o *maillot* verde, não é para mimicamente dizer à sua Ninfa dilecta — a Sereia de maior encanto — a cujos pés deslisa embriagado no seu perfume, que parte com saudade, mas que a esperança o anima de que junto a Ela eternamente — como um vassallo! — correrá alegre e perfumado.

Essa Ninfa, essa Sereia, é a minha terra, — Ponte do Lima.

.....
E o Sol parte, lançando um adeus derradeiro, quando os últimos fios de luz são vedados... E olhando-nos fugitivamente, por entre nuvens espessas — como um namorado, quando se afasta do seu Idolo, da Deusa dos seus Sonhos, jactando-lhe olhares de relance, cheios de ternura, de afecto e de compaixão, por deixar de mirar-se nos seus olhos, por entre giestas!...

P. do Lima, 16-III-922.

AUTO DA SAUDADE.

"RAQUETE"

Condições de assinatura

Ano	3\$500
Semestre	1\$750
Trimestre	1\$000

PÁGINA SPORTIVA

Lisboa

Resultados dos últimos jogos do campeonato de Lisboa

5 DE MARÇO

Atlético, 2—Vitória (de Setúbal), 2

O jogo teve fases interessantes e desenvolveu-se, no 1.º meio tempo, quasi só no campo do Atlético que sofreu 2 bolas, sendo a 1.ª originada por uma grande penalidade devido a uma rasteira do Gouveia a F. Armando e a 2.ª marcada por J. Santos.

No 2.º meio tempo o Atlético dominou marcando C. Oliveira a 1.ª bola a favor do seu grupo à qual deu origem um canto marcado por Rosmaninho. Um remate soberbo de Gralha dá origem à 2.ª bola a favor do Atlético. A falta de remate fez com que Oliveira e Ribeiro deixassem de marcar 2 bolas mais a favor do seu grupo.

Guerra defendeu lindamente uma penalidade marcada contra o Atlético.

O guarda-rêde do Vitória, Ernesto, defendeu a sóco a bola... e a cara dos jogadores adversários.

Pinho jogou bem, como sempre. Guerra teve boas defesas.

Belenenses, 6—Carcavelinhos, 2

Jogo por vezes violento, o que, aliás, era de esperar...

Carcavelinhos, com pouco conjunto, não fez correr grande perigo as rédes adversárias.

O guarda-rêde do Carcavelinhos teve, contra o seu costume, algumas defesas boas.

Os Belenenses dominaram sempre o grupo adversário, tendo feito melhor jogo no 2.º meio tempo que no 1.º

Algumas das 6 bolas marcadas pelos Belenenses foram-no de uma forma brilhante.

12 DE MARÇO

Império, 3—Internacional, 5

Nenhum dos grupos esteve numa das suas tardes, embora não jogassem mal.

A princípio parecia que a vitória pertenceria ao Império, que estava carregando o seu adversário.

A asa esquerda do Internacional perdeu algumas ocasiões de marcar bolas quasi certas.

O tempo regulamentar terminou por um empate de 3 a 3. Jogada mais meia hora, o Internacional conseguiu mais duas bolas e, com elas, a vitória.

Arbitragem regular de Rebêlo da Silva. A chuva prejudicou um pouco o final do jogo.

Pôrto

QUINZENA DESPORTIVA

Quinta feira, 2—Box

Com enorme e mal educada assistência, realizaram-se conforme estava anunciado os combates de *box*: entre alguns dos nossos mais conhecidos pugilistas.

Teve início a noite desportiva, como lhe chamaram os seus organizadores, por um *match* em 4 *rounds* em que foram contendores Albano de Campos e Virgílio Vidal.

Fizeram *match* nulo, inclinando-se a vitória para Campos, em virtude do grande *handicap* do péso do seu adversário.

Seguiram-se os combates entre Roberto Machado e Hortas, Costa Mendes e Ribeiro, e Crêspo-Ferreira Júnior, dos quais saíram vencedores, respectivamente, Machado, Mendes e Crêspo, estes dois últimos por desistência dos seus adversários.

De todos aqueles que mais interesse despertava nos nossos *sportsmen*, era sem dúvida o encontro Ferreira Júnior-Crêspo, que marcava a entrada de Ferreira no profissionalismo. Este combate, porém, não foi o que se esperava, porque uma lamentável indisposição de estômago de que foi vítima Ferreira Júnior, o impossibilitou de sustentar os 10 *rounds* estipulados.

Por esta circunstância dizem que dentro em breve os dois pugilistas se encontrarão novamente no *ring*.

Domingo, 5—Foot-Ball—Vilanovense empata com Progresso por 2-2

Ambos os grupos trabalharam para conseguir uma vitória.

A arbitragem a cargo de Tavares Basto, muito correcta e imparcial.

Ao Vilanovense faltou Alçada, por se encontrar doente.

Salgueiros bate Espinho por 6-1

Este desafio era aguardado com ansiedade. Uns profetizavam a vitória do Salgueiros, outros, e talvez em maior número, inclinavam-se para o Espinho. O que é certo é que ninguém suspeitava que o resultado fosse o que foi, o que constituiu uma das muitas supresas que nos tem trazido esta para de *foot-ball*.

Do Salgueiros, Reis esteve numa das suas tardes felizes e sabendo-se valer da desorientação que se apoderou dos seus adversários, principalmente das defesas, quando viram repentinamente as rédes furadas pela segunda vez, conseguiu com boas avançadas aumentar para 6 *goals* o activo do seu grupo.

Pôrto, 11-3-922.

SPORTMAN.

O desenvolvimento sportivo

No 1.º número dêste jornal, apontamos o atraso em que se encontra o sport entre nós e atribuímos o facto, principalmente, à falta de propaganda em prol do desenvolvimento sportivo, propaganda intensa, metódica e convenientemente orientada. Prometemos então tomar na *Raquete* essa tarefa a nosso cargo, e, fiel ao compromisso tomado, aí vamos hoje prosseguir no caminho encetado.

O sport, *longe de servir, como infelizmente o pensam muitos*, para simples passatempo, é hoje de uma necessidade indiscutível, visando a desenvolver fisicamente a *espécie humana*.

O sport, com regra, arte e ciência, sujeito a determinadas leis, praticado dentro de certos princípios, é moderno, e é só a êsse que nos referimos, porque só dêsse se tiram as vantagens que à *espécie humana* o sport tem por fim fazer colhêr.

A prática de exercícios físicos não é de ontem, de há meia duzia de anos: data já de tempos remotos. Já os antigos lançavam o péso e o disco, lutavam, jogavam o sóco, etc., etc., mas sem obedecerem a leis ou regulamentos, sem regra, visando apenas ou a mostrar a força hercúlea de certo indivíduo sobre outros, ou a servir-lhes de divertimento.

Mas também por essa época, o homem era forçado a desenvolver-se. Para arrotear a terra não era conhecida a charrúa, o arado, a grade, tirados por tractores mecânicos; para debulhar o grão não se conheciam as debulhadoras a vapor, etc. A terra para produzir carecia de ser trabalhada só com o esforço do homem e com o auxílio de instrumentos rotineiros, hoje postos de parte.

Na officina, o operário movimentava todos ou a maior parte dos seus músculos para executar determinado trabalho; o torneiro pedalava e torneava ao mesmo tempo; as chapas, tinha o serralheiro que as endireitar, arquear, etc., só à custa de fogo e à força de pulso; o tecelão, para transformar em fazenda as fibras têxteis, todo êle se movia, pondo a funcionar a maioria dos seus músculos.

Os meios de viação eram pouquíssimos e perigosos e, para se deslocar, o homem tinha que fazer, por vezes, enormes tractos a pé.

Para quê, portanto, a necessidade dos exercícios físicos?

Não seriam suficientes, para desenvolver a *espécie humana*, os mil exercícios físicos que nos vários officios cada um executava?

Surge o vapor, a electricidade, aparecem as máquinas, etc., e o esforço do homem é, em grande parte, substituído pelo esforço mecânico. Daí a conseqüente atro-

fia da espécie humana e, portanto, a necessidade imperiosa de criar exercícios físicos sujeitos a determinadas leis e princípios, exercícios que visem a obstar aquela atrofia.

O sport praticado com *conta, pêso e medida* é, por consequência, uma necessidade que se impõe e é preciso que nos convençamos de que urge fazer uma grande propaganda em prol de todos os ramos de sports atléticos, se quisermos fazer parte de uma sociedade de fortes e valorosos.

A. MARINHO.

Mulheres portuguesas

Senhoras da minha terra:

E' para vós que eu venho apelar.

E' para o vosso coração de mães carinhosas, espôsas amantíssimas e para aquelas que vivem embaladas pela esperança naqueles que requestam os vossos corações — e que foram as mais atingidas, — que vai tôda a minha esperança de que atendereis ao meu brado de protesto e indignação: — o julgamento de Serrazes. Com certeza tôdas vós tendes acompanhado êsse famoso julgamento, tôdas vós sabeis qual o motivo que levou êsses dois rapazes a desafrontar a honra duma irmã e noiva.

E que vimos? Um, condenado em 15 anos, o outro, em 12!...

E vós mulheres portuguesas, não sentis pulsar o vosso coração de indignação? Sentis, porque o coração da mulher portuguesa é sensível às grandes fatalidades, assim como rígido nas grandes afrontas.

Pois bem: já que o homem não teve a dignidade de defender aqueles que quiseram com o seu acto levantar os vossos brios, vós a quem vos chamam sexo frágil, mostraí que sois fortes em actos nobres como êste, levando a vossa voz à veneranda e prestigiosa figura do digníssimo chefe da Nação, dr. António José de Almeida.

Pedi-lhe o indulto para êsses dois rapazes que, com o seu acto, só nobilitaram e levantaram os brios da raça portuguesa!

A'vante, mulheres portuguesas!

E as vossas filhinhas, hoje inocentes mas amanhã mães, apontarão aos vossos netos êsse gesto de nobreza praticado por vós, como muitos outros de heroínas nos aponta a História da nossa querida Pátria.

No seu acto de justiça, nós acompanhamos os nobres académicos da Universidade de Coimbra.

Barcelos, 27-3-922.

ALBERTO VISEU.

A *Raquete* recebe na sua redacção todo e qualquer protesto para o remeter ao seu destino: — Redacção da *Raquete*, Rua Infante D. Henrique — Barcelos.

Associação do Foot-Ball de Braga

Há tempos noticiaram alguns órgãos desportivos o início duma Associação de Foot-Ball em Braga, que viria superintender os diversos grupos do Minho que nela estivessem filiados.

Regosijei-me com êsse facto, acreditando que dentro em breve o *foot-ball* no Minho seria *alguma coisa legal*, e que se acabaria com a desorganização que o caracteriza.

Hoje, porém, vejo que me enganei. Alguns meses decorreram sem que a referida Associação fizesse alguma coisa de útil, continuando a mesma desordem e indisciplina que antes existia.

Aí no Minho, uns com uma vaidade ostensiva proclamam-se campeões, acorem outros com desmentidos enérgicos, alegando razões desnecessárias e aparecendo nas *gazetas* títulos que só oficialmente podem ser conferidos.

Mas ainda não é tudo. E' freqüente quando se dá a deslocação de algum grupo *minhoto*, aparecerem nos jornais insultos, que revelam uma flagrante falta de educação desportiva.

Isto é simplesmente vergonhoso, e de desporto apenas tem o nome.

Acabem de uma vez para sempre com essas rivalidades! Mostrem que algum resultado têm auferido da prática do desporto, que não só serve para o desenvolvimento físico, como também para educar e disciplinar todos os que a êle se dedicam.

E' necessário que se convençam de que uma derrota equivale muitas vezes a uma vitória, e *mais vale perder com honra do que ganhar com violências.*

¿Mas, em resumo, há ou não há uma Associação de Foot-Ball em Braga?

¿Quem são os delegados dos grupos barcelenses a essa Associação?

Eis ao que certamente me não sabem responder, explicando-se assim a maneira como por aí corre.

Meu caro A. M.: E' esta uma das iniciativas que, se não nasceu morta, morreu com certeza à nascença.

Pôrto, 23-2-922.

SPORTMAN.

CARTA

Do distinto *sportman*, sr. João Sant'Ana Pereira Vaz, recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

... Sr. Director da *Raquete*:

Publicava o 1.º n.º da *Raquete* (quinzenário que V. ... muito gentilmente dirige) um artigo sob a epígrafe de "Foot-Ball em Barcelos", em que são feitas alusões à União Foot-Ball Barcelense.

Como eu seja um dos elementos que constitui o 1.º grupo da União, permita-me V. ... que roube um bocadinho de espaço à *Raquete* para fazer algumas considerações sobre o referido artigo. Atribui, e com razão, o autor do artigo, que não tenho a honra de conhecer, e que adopta o pseudónimo de *Sportman*, a falta de combinação, e por vezes o abuso do *dribling*, à vaidade de alguns jogadores que julgam desnecessária a sua comparação nos treinos. E' isto uma verdade, e compete ao *capitão* do nosso grupo tomar uma atitude enérgica, a fim de evitar a continuação desta indisciplina. Para isso, necessariamente *que dêle deve partir o exemplo*. E porque razão se não treina o nosso onze?... Pela falta de campo?

Não se compreende que o campo onde se realizavam os desafios, hoje não sirva sequer para treinos. Convém que o *team* barcelense seja constituído apenas de rapazes de Barcelos, porquanto para isso a "União" conta com elementos necessários.

E' isto, ... Sr. Director, que eu desejo frisar bem, para que o nosso *team* se possa impôr a qualquer adversário. Pela publicação desta fica-lhe imensamente grato o

De V. ...

at.º ven.º e obg.º

João Vaz."

Por Barcelos

Festas das Cruzes. — Sempre se realizam este ano as tradicionais *Festas das Cruzes*, que a Barcelos costumam trazer milhares de forasteiros. A Comissão tem sido bem recebida por todos os barcelenses, sendo de esperar que as festas atinjam um brilho desusado.

Falecimentos. — Nesta vila faleceu o sr. José António Tôrres, proprietário, pai do sr. dr. Francisco Tôrres, abalizado clínico.

— Também faleceu em Barcelinhos a espôsa do sr. Luís Ferrás.

A's famílias enlutadas, os nossos pêsames.

Carteira. — *Enfermo*: Guarda o leito o sr. João Pacheco Leite. Estimamos as suas melhoras.

Aniversário. — Completou há dias 18 risonhas primaveras o nosso querido amigo e camarada de redacção, Eurico Soucasaux. Muitos parabens.

Chegadas. — De visita a seu pai, encontra-se entre nós o nosso prezado amigo e colaborador da *Raquete*, sr. Francisco Miranda de Andrade, distinto aluno da Faculdade de Letras do Pôrto.

Imprensa. — Aos nossos colegas *Novo Cívado*, de Espôzende, e *Ecos de Barcelos*, desta vila, enviamos os nossos cumprimentos, pelo seu aniversário.

"*Raquete*". — A todos os colegas que se referiram ao aparecimento do nosso jornal, agradecemos as amáveis referências que se dignaram dispensar-nos.